

LUIZ RUFFATO

De mim já nem se lembra

*2ª edição revista, ampliada
e definitiva*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Luiz Ruffato

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Foto de capa

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Marina Nogueira

Renata Lopes Del Nero

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruffato, Luiz

De mim já nem se lembra / Luiz Ruffato. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2678-1

1. Ficção brasileira I. Título.

15-11125

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Explicação necessária, 9

As cartas, 23

Apêndice, 131

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Enxugando as mãos no avental, minha mãe veio ao meu encontro, aninhou-me em seus braços e, avesso a seu feitio, beijou-me o rosto, olhos derramando saudades. Minha irmã, tomando Helena, minha filha, ao colo, sucumbia-a de afagos, Como cresceu, essa menina!, Como está linda! O chapéu puído do meu pai avivava uma conversa com o motorista do táxi, E aí, seu Moreira, muito serviço? Arrastando a mala para o cimento do terreiro, meu cunhado anunciava, Comprei aquelas duas caixas de cerveja e arrumei uma pinga que, ó! Fevereiro maltratava o jardinzinho de rosas, beijos, gerânios, cravos, girassóis, azaleias, hibiscos. Suados meninos sem camisa, renunciando à bola, debruçavam sua curiosidade nos muros da casa. Vizinhas acudiam, em visitas beija-flores que esfiaparam o resto da tarde.

Aquele Carnaval o destrinchamos numa churrasqueira de ferro-fundido, que o Luzimar, afilhado da minha mãe, governava, de manhã à noite, asas de frango, picanhas, linguças. A fumaça gordurosa imiscuífa-se por entre as telhas-francesas, participando-se às moradias sempre-em-construção que espicham-se

pelas ruas-fícus da Taquara Preta. A todo momento, Ô, de casa!, palmas no portão, minha mãe coadjuvando o entra e sai, parentes, conhecidos, amigos, O Luizim?, Cadê?, Meu deus, está diferente!, E São Paulo, heim? Sua filha? Parece não... E a mãe dela? Ah, não veio?! Minha sobrinha cuidava de pratos e talheres, desgostosa por o marido, igual a sempre, entatuar-se, televisão ligada, arredidamente estirado no sofá da sala.

Encontrávamo-nos felizes, embora tudo. Aposentado — havia começado cedo na insalubre tinturaria da Manufatora —, meu cunhado dera para enranzinzar-se por nada, tocado pelas imperspectivas. Eu sabia que o salário de merendeira de escola municipal da minha irmã mais os magros proventos do marido eram escassos para vencer o mês. Franzino e enfermigo, meu pai revirava os recônditos da cidade vendendo caramujos, caramelos e rosquinhas-amanteigadas — vinte e cinco anos antes, o doutor Pace convocara a família a Juiz de Fora: *Infelizmente, ele não tem mais que uns seis meses apenas, infelizmente*. Minha mãe, que chegara a ocupar-se de quinze trouxas de roupa por semana, mantinha as mãos queimadas de água-sanitária, mas já sem forças para mais que quatro lavagens — num Natal presenteei-a com um “tanquinho”, novidade que, emocionada, exibia aos visitantes.

Viviam. Ela trazia sempre arrumada uma “bolsa de viagem” — camisola, muda de roupa, chinelo, sandália, escova de cabelo e de dentes, documentos — “para alguma precisão”, que se manifestava no soar do telefone: algum Ruffato de Rodeiro ou de Ubá está internado, está mal, morreu; ou vai casar; ou nasceu, vai batizar, vai fazer a primeira-comunhão, a crisma; ou desentendeu-se com a mulher, com o marido, com os filhos, ou. Lamentando, Meu deus, e eu aqui nessa lonjura, trancava a porta, enfiava a chave num vão do esteio, e na plataforma vigiava ansiosamente o ônibus que a conduziria ao encontro dos seus.

Resignado, meu pai reclamava, Qualquer espirro e chamam ela. Arruinava botinas (só usava botinas) atendendo a freguesia, modo de especular sobre a política municipal — um anti-Prata irremissível —, recordar tempos idos, atualizar notícias, conversar à toa. Quando principiava a toada, “Você lembra do”, minha mãe, impaciente, batendo com mais força a peça de roupa no esfregador, estocava, “Lá vem arroteio”.

Na terça-feira à noite, o Luzimar encostou a “chimbica”, seu Chevette verde-metálico 1985, no meio-fio, aceitou o cafezinho com bolo-de-fubá que minha mãe ofertava e falou que ia levar eu e a Helena à rodoviária. Meu pai prontificou-se à companhia, mas seu afillhado o desencorajou: queria antes me expor o puxadinho que estava levantando, Vai ser o quarto da Bruna, ela fez quinze, não quer mais dividir as coisas com a Marcela, E a Soninha vai com a gente, não cabe todo mundo mais a mala. A “chimbica” não aguenta, padrinho, está velhinha, coitada. Despedimo-nos rapidamente, buscando evitar olhos e narizes vermelhos, Se deus quiser logo-logo a gente.

Na casa do Luzimar, no Ibraim, a Helena fartou-se de doritos e coca-cola, por mais que eu a admoestasse do fedor do banheiro do ônibus, Vai dar vontade de fazer xixi e aí eu quero ver... Eu e o Luzimar esquadrimos fiscais a obra, um retângulo de dois metros por três, ainda depósito de vergalhões, areia e brita, mas breve, Semana que vem batemos a laje, cama, mesinha, guarda-roupa. Depois, na varanda, luzes apagadas para desterrar os inconvenientes cupins — vagalumes coriscando a noite, grilos mastigando o silêncio —, ele murmurou, A Soninha quer falar com você, subitamente revelada no breu, recostada numa cadeira tomando a fresca. Luiz, você não achou a madrinha mais magra não?, sussurrou. Por afinidade, nomeava “madrinha” minha mãe. Estranhei a pergunta, espirei a memória, não, não saberia julgar. Por quê? Não sei... Ela perdeu seis qui-

los em pouco tempo... Seis quilos?! É, e isso não é normal não, diagnosticou, auxiliar-de-enfermagem no Hospital de Cataguanas. Apreensivo, fiz ambos prometerem levar minha mãe a um médico, Vocês conhecem ela, não gosta de dar trabalho, e tornei desassossegado a São Paulo, noite latejando estrelas.

Mesmo insistindo todos — eu, minha irmã, Luzimar, Soninha e meu pai —, somente em fins de março minha mãe aceitou em visitar um médico, o doutor Wesley, novato, mas já investido de certo renome. Ele ouviu suas queixas, Tenho nada não, vim porque o povo teimou, auscultou-a, indagou dos progressos, requereu chapa do pulmão, exames de sangue, urina e escarro, ponderando a tuberculose que um dia carcomeu a saúde do meu pai. *(A madrugada sonolenta espertava momentaneamente aos nossos passos, determinados os da minha mãe, errados os meus. O ônibus da Viação Vitória nos abandonava em Juiz de Fora e apressávamos a outro que nos desembarcava em Santos Dumont, onde meu pai internaram no Sanatório Palmira. Um domingo por mês, o trajeto. Minha mãe presenteava-o com esperanças; eu, do lado de fora preso, avistava-o ao longe em meio às árvores, e, de cócoras, entretinha-me com formigas-cabeçudas, paquinhas e lagartixas.)*

O doutor Wesley desgostou dos resultados e, assediada pelos acessos da tosse rabugenta que escorraçavam sua dentadura, minha mãe tolerou render-se à broncoscopia na Santa Casa de Juiz de Fora pela época da Semana Santa, Vou para serenar vocês. Caminhávamos, minha irmã e eu, dentro da vagarosa manhã de maio, no sentido da Aurora, mas direção alguma, largando pegadas no pó amarelo da estrada-de-chão, as águas do rio Pomba e o vento e os passarinhos segredando silêncios, vez ou outra uma motocicleta, vez ou outra um carro, desguiando-se de costelas e buracos, vez ou outra uma bicicleta, Bom dia, Bom dia, a paisagem de folhas e pastos ressecados, nossa solidão. Tarde anterior,

o doutor Wesley explanou a gravidade, esparramava-se cruel, irreversível, inflexível, inexorável, o câncer. A radioterapia, dolorosa e estressante, apenas inventaria falsas expectativas, Sinto muito. Ela não deve saber, eu disse à minha irmã. Não queremos que ela sofra, não é mesmo?, estaquei, agônico, à sombra de um bambuzal, apresentando-a à morfina.

Parte das férias Helena despendeu-a na casa da avó. Debilitada, minha mãe buscava agradá-la, mas qualquer esforço a exauria, mãos aflitas anteparando-se nas paredes, nos móveis. Estendida na cama, seus ansiosos olhos castanhos perscrutavam, impotentes, o cortejo do ponteiro dos segundos no relógio despertador. Meu filho, o quê que é isso?, interpelou-me quando, final de julho, peguei Helena, Nada, mãe, coisa boba, breve a senhora estará boa e aí nós vamos lá em Rodeiro, só nós dois, como antigamen, e engasgado virei o rosto, gritando, sem paciência, Helena, vamos, que já estamos atrasados!

Quinze dias mais, tornei a Cataguases: encontrei-a internada. Soninha guiou-me pelos sombrios corredores que exalavam desalento e dor, burlando o horário de visita, Não está nada bem, e indicou-me o quarto, Não demora muito não. Empurrei a porta vagarosamente e surpreendi-a recostada à janela, a espreitar o vaivém da rua, só ossos sob a camisola de hospital. Sussurrei, Mãe?!, volveu o corpo e apavorei-me com o terror que li em seu rosto encovado: a morte a contatara antes e desesperada minha mãe procurava agarrar-se ao cordame invisível que nos move e ele desfazia-se podre em suas mãos suadas, Ah, meu filho, nunca mais vou poder fazer aquela taioba com angu que você tanto gosta... Estou indo embora, meu menino, estou indo embora... E não queria... não queria... Que vai ser do seu pai, coitado, sozinho? E da sua irmã? Ai, meu deus, meu deus...

Mudo, larguei-a desamparada, espectro flutuando no colchão, e ganhei célere a alameda de oitis, minha covardia ladranchão,

do nos calcanhares. Ensolarado, agosto traquinava indiferente, espalhando folhas e ciscos, impelindo com indolência a tarde por entre nuvens e irritadas buzinas. Sob as sibipirunas da praça Rui Barbosa escorreguei pela perambeira da infância, *minha irmã não suportava a roça, achava jeca, eu e meu irmão nos lambuzávamos de felicidade, minha mãe parava no Pivatto e comprava um tabuleiro de caçarola que nos empanturrava na meia légua esticada à nossa frente. Íamos cumprimentando a italianada que carpia o pasto de fumo, arava a vargem de arroz, limpava as vielas de milho, os Bicio, os Micheletto, os Spinelli, os Benvenutti, os Chiesa, os Pretti, os Finetto, os Justi, os Zoccoli, e outros e tantos! Sábia, minha mãe, driblando a ciuemeira, nos repartia pelas casas dos parentes — eu preferia a do tio Pedro, que nos despertava com o aroma das piadas que cozia, uma a uma, para comermos no café-da-manhã. Incansável, ela percorria sua felicidade pelos sítios, inteirando e inteirando-se dos ocorridos desde a última vinda. No pomar, instalava-se à caça de laranjas maduras — as limas, sua predileção. Cheiro de pipoca nas noites de truco, berro nas madrugadas de matação de porco, gargalhadas escoando em tardes para o todo e sempre olvidadas. Minha mãe está morrendo e o homem que conversa com o seu Pantaleone na banca-de-jornais ignora. E a grávida que escolhe o enxoval do bebê na loja em frente, o viralata que sua pelagem descorada coça, o melancólico vendedor de churros, a velha que me espiona da janela, os aposentados na fila do banco, os dois amigos que bebem cerveja no bar da esquina, o casal que discretamente se desentende, o menino que faz birra, a adolescência do desgarrado trio marrom-e-bege do Colégio Cataguases, o rapaz que inquieto fuma no aguardo de alguém, o outro que toma sorvete, o motoqueiro e a garupa, o mendigo, as bicicletas, os pardais, as nuvens — perto dali, num cubículo sombrio e emanando a remédio, minha mãe agoniza no claro entardecer. Minha mãe destroncava o peçoço do fran-*

go, sangrava-o, escaldava-o, depenava-o e esartejava-o como a havia ensinado minha avó. Sonhava conhecer o mar. Uma vez fomos a Maratáizes, maiô novinho que recusou vestir, envergonhada. Descalçou as sandálias, calcou a areia, experimentou a água salgada, disse, Pronto, e, diante de sua teimosia, voltamos para Cataguases manhã seguinte. Aos domingos, a casa lotada, desdobrava-se na cozinha — “minha satisfação, o povo agradado”.

O Sete de Setembro em 2001 caiu numa sexta-feira. Vali-me do feriado prolongado para estar com o Filipe, meu filho, em Belo Horizonte, para onde se demudara para estudar. Vazia a república — seus três colegas saciavam as saudades de casa —, gastamos o dia em andanças baldias: no Mercado Central, cerveja e isca de fígado com jiló; no Diamond Mall, um filme qualquer; na Pizza Hut, inquirimos o intangível. O sono escapou-se-me, extenuado pelo vermelho pisca-piscar do anúncio luminoso do prédio em frente, *Hotel Madrid*. Às cinco horas da manhã, o celular, Aconteceu, a voz entrecortada da minha irmã precipitou-nos, Filipe e eu, no lusco-fusco.

Espreguiçava-se a cidade quando rumamos para Ubá, via Ouro Preto e Ponte Nova, ensimesmados. As montanhas de minério de ferro, os bois dispersos em pastos ressequidos, os minguidos rios, as vilas bocejantes, os passageiros, nada enxergavam meus olhos — despedia-me de outras paragens, que impregnaram meu corpo um dia e submergiam agora para sempre. A mãe do Filipe aguardava para nos levar a Rodeiro, onde, após a missa de corpo presente na igreja de São Sebastião, unimo-nos ao séquito que transportou o caixão ao túmulo da família — meu pai escorado em minha irmã. Antes de o coveiro assentar os tijolos que lacriariam a cripta, afastei-me barranco abaixo do triste e horrendo cemitério, e meu amigo Fernando Cesário me guiou para longe, asilando-me em seu sítio, na estrada Cataguases-Miraí.

Meus pés descalços chapinham — a água ou lama alcan-

ça o tomazelo — numa espécie de caverna tão escura, que, arregalados os olhos, não vejo minhas mãos imundas tateando as sombras. Teias de aranha lanham meu rosto, em locas guincham ratos famélicos, baratas voadoras esbarram em meu corpo nu. Algo me impele e adivinho que, à medida em que avanço, desmoram barrancos às minhas costas. O buraco se estreita e o ar escasseia, arrasto-me — lamurientas vozes orientam minha esperança. Minhas coxas fraquejam, as fontes palpitam, ardem os pulmões. Estranhamente não grito; esgana-me, parece, a aflição. Súbito, os braços envolvem-me as pernas: estou pronto.

O domingo, surpreendi-o encorujado à varanda. Animadas, as maritacas derramavam reluzentes gotas de orvalho no anil da manhã anestesiada de beija-flores. Pardais saltitavam na grama serenada. Empoleirados na sombra do pau-ferro, coleirinhos algodoados. Um canário-da-terra macho cortejava a companhia, num canto do jardim. Saddam, o fila mal-humorado, circulava sua jaula, irritado — nos antipatizávamos. Decidi movimentar-me, segui para a casa do Gésus, o caseiro.

Os cachorros saudaram-me, excitados, alertando a menina que, renunciando à vassoura de piaçava com que limpava o terreiro, meteu-se ligeira cômodo adentro, acanhada. O menino, bico na boca, mirava-me, resguardado atrás da porta da sala. O Gésus, cigarro pendurado dos lábios, surgiu, repreendendo os viralatas, Bicho besta, sô! Embaraçado, apertou minha mão, Meus pêsames, seu Luiz, o doutor Fernando avisou. O senhor aceita um cafezinho?, a patroa acabou de passar. Entramos pela cozinha, Zezé, o seu Luiz. Ô, seu Luiz, que tristeza, disse, comovidamente. Senta, senta aqui, apontou uma cadeira. Os dedos varreram a toalha-de-plástico que recobria a mesa, escorraçaram os mosquitos, depositaram a garrafa-térmica e destaparam o prato semicoberto por um pano-de-prato, uma broa. Mastiguei um pedaço, a erva-doce inundou minha boca, revolvendo desejos de fumar, *Basta um trago, um único para...*